



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6501 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

A (DES)CONSTRUÇÃO DA ESCOLA: UMA PESQUISA COM/PARTILHADA COM ESTUDANTES NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS

Jeane Lima - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Iris Verena Santos de Oliveira - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

## **A (DES)CONSTRUÇÃO DA ESCOLA: UMA PESQUISA COM/PARTILHADA COM ESTUDANTES NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS.**

### **1 INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa ainda em andamento pretende buscar o significado da escola a partir do que é vivido e experienciado pelos estudantes pelas estudantes, assumo o lugar de professora e pesquisadora para adentrar no cotidiano escolar compreendendo esse *espaçostempo*[1] como lugar de construção e desconstrução de significados. Para isso tomo como lócus o Colégio Estadual de Bandiaçu (CEB), escola localizada no Distrito de Bandiaçu em uma cidade do Território do Sisal. É nesse espaço que crianças, adolescentes, jovens e adultos, em sua maioria negros e negras[2], estabelecem relações de convivência no cotidiano (CERTEAU, 1998).

A categoria “negro” aparece nessa pesquisa no sentido de desconstruir estruturas que invisibilizam os praticantes sociais da escola tanto nas questões que os iguala quanto na construção de diferenciações. Portanto, não se trata de estabelecer uma dicotomia entre identidade e diferença, para tanto dialogo com Nilma Lino Gomes, Kabenguele Munanga(1988), ao tempo que aciono a desconstrução de Derrida(2011), bem como os conceitos de *entrelugar* e de hibridismo trazidos por Bhabha(2019).

Mergulho com todos os sentidos como sugere Nilda Alves(2003), com o objetivo de explicitar a potência das artes de fazer(CERTEAU, 1998) de estudantes que estão além do limite da idade e série a partir dos significados que os/as

mesmos/as constroem sobre a escola. Para isso utilizo como questões norteadoras: de que forma o cotidiano vivido pelos alunos e pelas alunas rasuram as estruturas hierarquizantes da escola? Qual o sentido de escola construídos pelos jovens e pelas jovens que estão além da idade e série previamente estabelecidos? O que as experiências vividas pelos alunos e alunas dizem do racismo presente no cotidiano?

Por se tratar de uma pesquisa que se dispõe a compreender o cotidiano como potência, é que assumo a pesquisa qualitativa, pois esta preocupa-se com níveis de realidade que não podem ser quantificados MINAYO (1993). A opção pela pesquisa participante, se deve ao fato de que eu também sou parte do cotidiano pesquisado, e ao escolher as práticas e conteúdos que eu levo para os/as estudantes também evoco minha subjetividade, minhas histórias de vida, meus valores, minhas crenças e desse modo é que LEVI STRAUSS (1975) apud MINAYO(1993, p. 14) justifica “Numa ciência onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação”.

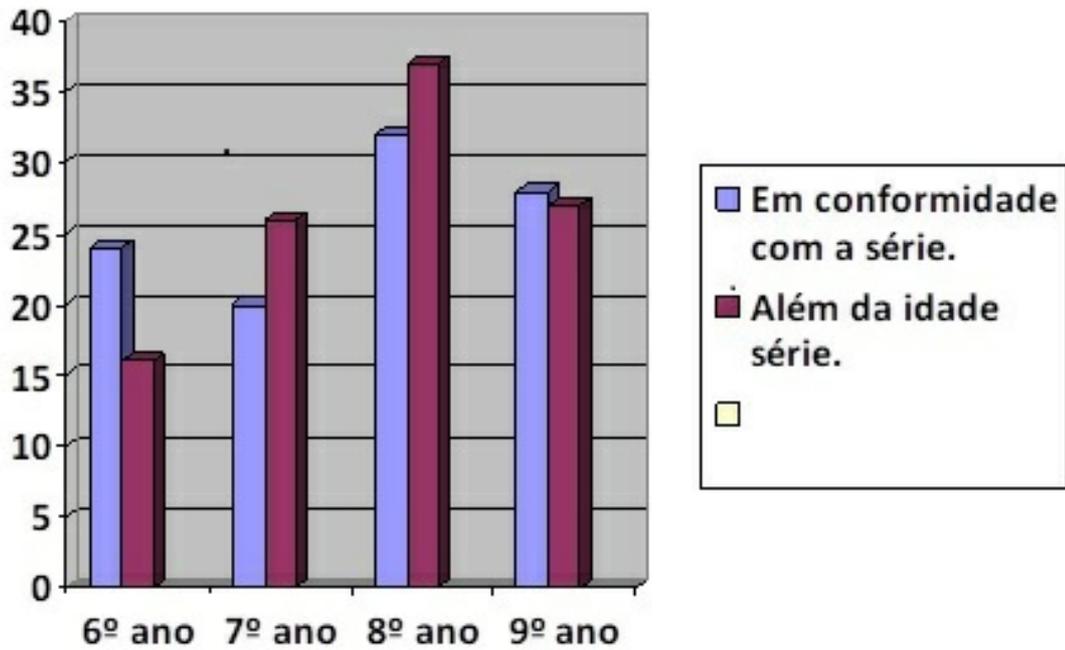
Como a pesquisa está em desenvolvimento este texto pretende indicar caminhos teórico-metodológicos que guiarão este estudo e para tal a discussão versará sobre: a potência das práticas cotidianas de estudantes na construção de uma educação antirracista e a rasura de estruturas que invisibilizam os estudantes e as estudantes que desviam do ideal instituído.

## **2 A POTÊNCIA DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DE ESTUDANTES NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.**

Pesquisar nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2001) apareceu-me como possibilidade no momento em que vários caminhos eram possíveis, tanto teóricos quanto metodológicos, foram muitos movimentos frustrados, na tentativa de encontrar uma forma de pesquisar que pudesse valorizar a perspectiva estudantil, principalmente aqueles/as estudantes que por muito tempo foram considerados como “desinteressados” e “desinteressadas” pela escola. O processo caótico permitiu ousar enfrentar o desconhecido que se pensava conhecer (FERRAÇO, 2008).

Para realizar a pesquisa pretendo captar no *espaçotempo* escolar os aspectos que foram deixados de lado pela ciência moderna, aquilo que os cinco sentidos humanos são capazes de perceber: os cheiros, as imagens, as texturas, os barulhos, as imagens, os sentimentos, os sabores e saberes que podem ser observados durante o acontecimento da vida cotidiana, como também pelas narrativas dos e das estudantes que poderão ser obtidas a partir de conversas informais pré-agendadas ou não. Aciono como colaboradores os jovens e as jovens que tenham 18 anos ou mais e que estejam no Ensino Fundamental II. Acredito na hipótese de que haja uma relação entre as várias reprovações pelas quais estes e estas jovens vivenciaram com a questão étnico-racial, visto que um levantamento feito em 2018 no Sistema de Gestão Escolar(SGE) revelou que a maioria dos estudantes que estão além do limite de idade e série são negros do sexo masculino. Os gráficos a seguir mostram os dados levando em consideração número de estudantes por série e também considerando dados que raça e gênero:

Figura 1- Distribuição de estudantes por série e situação escolar:



No gráfico 1 podemos ver que em todas as série existe uma quantidade significativa de estudantes além da idade, apenas o 6º ano possui uma quantidade considerável de estudantes em conformidade com a série, no 9º ano o quantitativo dos dois aspectos é semelhante, enquanto que no 7º e no 8º anos a quantidade de estudantes além da idade série é superior.

Gráfico 2 – Distribuição de estudantes por raça e gênero

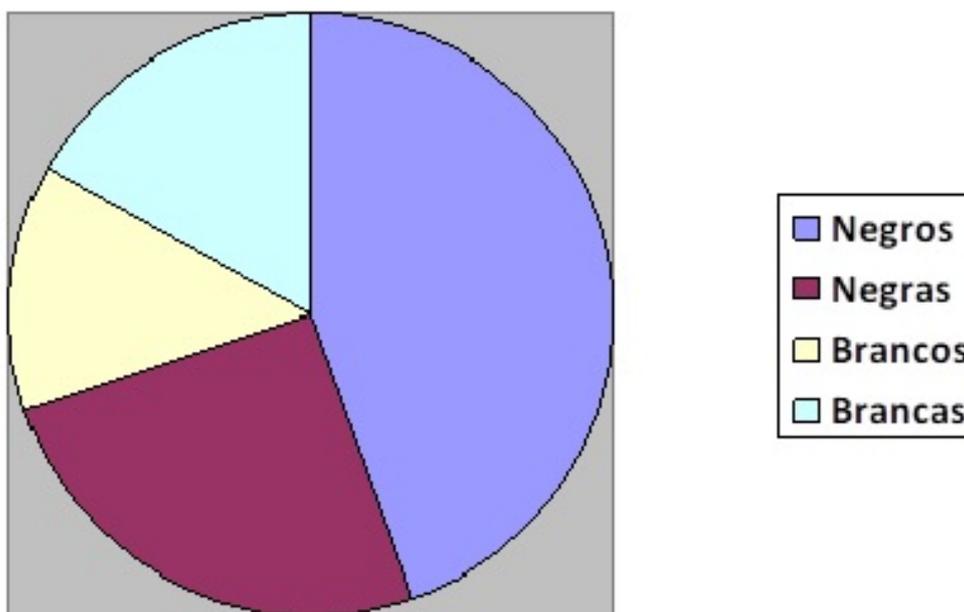


Gráfico produzido pela própria autora

No gráfico 2 podemos perceber que a maioria dos estudantes que estão além do limite de idade o série são negros do sexo masculino, seguidos das estudantes negras. Com relação aos brancos, a maioria é do sexo feminino.

Mesmo vivendo o momento da reprovação e da repetência os jovens e as jovens do CEB sempre matriculam-se no ano seguinte, o que me faz pensar que os/as mesmos/as gostam da escola e querem estar naquele espaço, entretanto, nós professores ainda precisamos perceber como a escola pode ser um lugar de construção de identidades positivas e de acolhimento de formas diferenciadas de ser e de aprender. Entendendo que essa disparidade entre o sucesso escolar de negros e brancos é fruto do racismo estrutural, se observarmos que a maioria dos/das jovens que vivenciam esse cotidiano são provenientes de comunidades rurais, de baixa renda e trazem consigo a herança de uma divisão social de papéis e lugares baseados no conceito eugênico de raça, é que busco nessa pesquisa compreender de que forma as práticas sociais estudantis podem oferecer pistas para que nós profissionais de educação possamos aprender a acolher suas singularidades e usá-las como meios de promover uma escola que ultrapasse as crenças de que estes e estas estudantes “tem dificuldade de aprendizagem”, “são indisciplinados”, “não querem nada”, dentre outras.

Para Gomes (2002) quando a diferença étnica/racial é transformada em deficiência a potência da diferença se perde no modelo escolar que isola o negro dentro das injustiças e das condições socioeconômicas, além de reduzirem esses aspectos históricos a comportamentos individuais, escondendo o caráter excludente da escola, e de certa forma transformando a diferença de aprendizagem em desvio de comportamento.

Pautado na ideia de Certeau(1998) este estudo considera as práticas cotidianas como *espaçotempo* de criação de conhecimentos e toma a escola como

um lugar onde seus praticantes inventam maneiras de ser e de existir a partir das normas e ditames instituídos. Aqui recorro aos conceitos de “estratégias” e “táticas” em que Certeau chama de estratégia o cálculo das relações de forças onde um sujeito de querer e poder se isola de um ambiente, toma um lugar como próprio e este serve de base para suas relações com a exterioridade. Entretanto os sujeitos praticantes desenvolvem “táticas” para lidar com as estratégias, como não pode contar com um lugar próprio, ou seja, não dispõe de base para capitalizar seus proveitos, se apega as circunstâncias, enquanto a estratégia dispõe de um lugar próprio a tática dispõe do tempo, nesse caso “pelo fato do seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho” (CERTEAU, 1998, p. 47).

Sivio Gallo (2002) considera as práticas cotidianas como forma de resistência, e seus praticantes como militantes que agem em uma micropolítica, se reinventam e escapam do controle produzido em uma macropolítica, ou seja, aquela instituída pelas secretarias de educação, da leis e dos grandes projetos que o autor chama de educação maior, porém é na educação menor aquela que acontece, é na sala de aula que ele enxerga a potência das ações de seus praticantes.

Para ampliar um pouco mais essa discussão me apego a ideia de “uso e consumo” trazida por Certeau (1998), essa organização escolar nos é oferecida como produto, entretanto, há pouca preocupação com o “uso” que fazemos dele, nesse ponto é que a pesquisa nos/dos/com os cotidianos se faz importante, pois buscarei compreender as relações de consumo tecidas pelos/as estudantes negros e negras e marcar suas posição enquanto consumidores da organização escolar. Interessa-me observar a criatividade cotidiana nas “artes de fazer” (CERTEAU, 1998, P.) dos alunos e das alunas diante das tentativas hegemônicas de modelar um sujeito ideal para a sociedade.

### **3 A DESCONSTRUÇÃO DE ESTRUTURAS QUE INVISIBILIZAM OS ESTUDANTES E AS ESTUDANTES QUE DESVIAM DO IDEAL INSTITUÍDO.**

Neste estudo me proponho a usar a lógica da “desconstrução” trazida por Derrida, segundo o autor, trata-se apenas de um termo, não se configura como um método ou uma escola de pensamento, ele alerta para que não usemos o termo “desconstrução” como oposto de construção, ou desmantelamento, destruição (WOLFREYES, 2007,). Apelo para uma tentativa de perceber como a escola pode se reinventar a partir da desmontagem de algumas estruturas, não para destruí-la e sim para reconstruí-la afastando-se principalmente do racismo estrutural que ainda permeia suas bases.

Se consideramos a escola como um texto carregado de significações, oposições binárias e hierarquizações, a desconstrução entra para remexer essas bases que foram estruturalmente construídas sob valores e ideologias que excluem pessoas e as colocam em lugares subalternos. A desconstrução sugere uma problematização, um questionamento a respeito do que é valorizado e do que é interdito.

Em 2019 algumas avaliações estaduais foram aplicadas para os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio do CEB, com o

objetivo de medir competências e habilidades, esta avaliação foi feita através de uma prova padronizada com conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática, os resultados não foram satisfatórios segundo as expectativas da rede, pois a maioria não alcançou o nível básico.

Diante da situação acima é possível perceber o caráter hierarquizante dessas avaliações, primeiro por definir quais disciplinas são consideradas mais importantes para medir o conhecimento, segundo porque define a adequação do sujeito na sociedade a partir de uma aferição numérica. Percebe-se portanto, o quanto fazemos parte de uma organização social que pauta um “padrão de qualidade” que pretende enquadrar professores, diretores, coordenadores e estudantes, promovendo uma competição que exclui os mais fracos e fortalece a ideia da classe dominante em que “os que sabem mais” mandam “nos que sabem menos”.

O presente estudo pretende tomar o *espaçotempo* escolar como lugar de enunciação, saindo do lugar de promover a “tolerância” para com as diferenças e direcionando para problematizar e refletir sobre as estruturas que produzem estereótipos e subalternidade. É meu interesse buscar nas narrativas estudantis caminhos que me conduzam outras formas de pensar a negritude diferente da que é pautada pela colonialidade. Aqui me interessa *percebersentir* como cada um a seu modo expressa sua negritude no *espaçotempo* escolar. Bhabha (2019, p.69) sugere uma problematização sobre os limites da diversidade cultural, e a abertura para a diferença cultural. Para o autor a diversidade cultural é um objeto epistemológico, uma categoria da ética ou estética, é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados, por outro lado a diferença cultural é o processo de *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural.

Em contrapartida, Nilma Lino Gomes (2002) defende que a escola é um espaço que interfere na construção da identidade negra, visto que os olhares que os sujeitos recebem nesse espaço tanto podem valorizar sua cultura como podem estigmatizá-la ou até mesmo negá-la, a pesquisa com o cotidiano, a aproximação mais atenta dos e das estudantes podem permitir a percepção desses olhares e de como estes colaboram ou não para a construção de uma identidade negra positiva, então me interessa saber como se dá a construção dessas identidades e como as diferenças emergem.

Enquanto muitos fatos da atualidade insistem em atingir a dignidade de homens negros e mulheres negras é importante lembrar as ideias de Munanga (1988) quando ele diz que a construção da identidade negra não nasce simplesmente da tomada de consciência da cor da pele e sim pelo reconhecimento da história comum que liga de alguma forma os grupos humanos que mundo ocidental “branco” chama de “negro”. Para o autor ser negro é “ser excluído” e portanto assumir a negritude faz parte da luta para construir positivamente uma identidade além da busca em garantir a todos o direito ao desenvolvimento, a dignidade humana e o respeito as culturas do mundo. Para tal é importante que a escola seja uma colaboradora nessa luta, tendo em vista o que propõem as leis 10.639/03 e 11.645/08 no que se refere à obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e também indígena, a implementação das referidas leis é uma conquista que resulta da luta coletiva do povo negro.

Exponho o desafio de pesquisar nos/dos/com os cotidianos neste momento em que o mundo enfrenta a pandemia de COVID-19, doença causado pelo corona

vírus, visto que a intenção é mergulhar no cotidiano com todos os sentidos (ALVES, 2002), entretanto a educação presencial está suspensa, o espaço escolar está vazio e o tempo pedagógico prejudicado pelas desigualdades sociais experienciadas pela maioria dos colaboradores e colaboradoras deste estudo muito antes da pandemia, e que os afasta da educação formal devido a falta de conectividade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.;ALVES, N. (Org.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de fazeres**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

\_\_\_\_\_. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, I. B.;ALVES, N. (Org.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de fazeres**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

BRASIL. Lei 11.274, de 06 de fevereiro de 2006. Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm)>. Acesso em 16 jun. 2020.

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em 16 jun. 2020.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

[CERTEAU, M. \*\*A invenção do cotidiano: artes de fazer\*\*. Petrópolis: Vozes, 1998.](#)

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. **O monolinguismo do outro**. Ou a prótese de origem. Porto: Campo das Letras, 2001.

FERRAÇO, C. E, SOARES, M. C. S, ALVES, N. **Michel de Certau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa com o Cotidiano**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n.98, p.73-95, jan./abr. 2007. Disponível em:< <http://cedes.unicamp.br>.> Acesso em 20 mar.2020.

\_\_\_\_\_. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B.;ALVES, N. (Org.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de fazeres**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

FIORIO, A. F. C., LYRIO, K. A., FERRAÇO, C. E. Pesquisar com os cotidianos: os múltiplos contextos vividos pelos/as alunos/as. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v.37, n.2, p.569-587, mai/ago.2012. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade) > Acesso em 15 mar.2020.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.27 n.2, p. 169-178, jul./dez. 2002.

GARCIA, R. L. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In:**Método, métodos e contramétodo**. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. Aletria: **Revista de Estudos Literários**. N. p.38-47. 2002. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em 17 jun. 2020.

\_\_\_\_\_, Movimento Negro e Educação: Ressignificando e politizando a raça. **Educ. Soc.**,Campinas, v.33, n.120, p.727-744, jul.-set.2012. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – usos e sentidos**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

WOLFREYS, Julian. **Compreender Derrida**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

---

[1] Influenciada pela leitura de Nilda Alves (2003, p.2) utilizo a escrita conjunta para me afastar do modo hegemônico de pensar da ciência moderna, que dicotomiza termos que trato como pares.

[2] O Estatuto da Igualdade Racial define como “população negra o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam auto definição análoga”